



## A PROPOSTA PIAGETIANA DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA: O Método Clínico em Discussão

SANTIAGO, Daniela Emilena<sup>1</sup>; ARDIN, Amanda Calzolari Wolf<sup>2</sup>; ZAVASKI, Daniela<sup>3</sup>  
ROVANI, Laura Anaiure<sup>4</sup>; BARROSO, Thais Aline<sup>5</sup>

### RESUMO

Esse texto, de natureza teórica, tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o Método Clínico indicado por Jean Piaget como uma forma de analisar os comportamentos infantis que a criança apresenta na escola. A proposta piagetiana recomendava que o docente pudesse observar aluno a aluno e por meio do Método Clínico poderia identificar e analisar em qual fase da relação entre criança e escola o aluno está. Partindo dessa análise o docente deveria orientar o processo de ensino-aprendizagem visando a potencialização da aprendizagem e do desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Método clínico. Piaget. Desenvolvimento da Aprendizagem. Desenvolvimento Infantil.

### ABSTRACT

This text, of a theoretical nature, aims to reflect on the Clinical Method indicated by Jean Piaget as a way to analyze the child behaviors that the child presents at school. The Piagetian proposal recommended that the teacher could observe student by student and, through the Clinical Method, could identify and analyze which phase of the relationship between child and school the student is. Based on this analysis, the teacher should guide the teaching-learning process aimed at enhancing learning and child development.

**Keywords:** Clinical method. Piaget. Learning Development. Child development.

<sup>1</sup> Daniela Emilena Santiago é Assistente Social, docente dos cursos de Psicologia e Pedagogia da UNIP, Mestre em Psicologia e História pela Unesp, Doutoranda em História pela Unesp. E-mail: [santiago.dani@yahoo.com.br](mailto:santiago.dani@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Amanda Amanda Calzolari Wolf Tadin é graduanda em Psicologia na Unip, onde cursa do 3º. Ano. E-mail: [amanda.tardin@aluno.unip.br](mailto:amanda.tardin@aluno.unip.br)

<sup>3</sup> Daniela Zavaski é graduanda em Psicologia na Unip, onde cursa do 3º. Ano. E-mail: [daniela.zavaski@aluno.unip.br](mailto:daniela.zavaski@aluno.unip.br)

<sup>4</sup> Laura Anaiure Rovani é graduanda em Psicologia na Unip, onde cursa do 3º. Ano. E-mail: [laura.rovani@aluno.unip.br](mailto:laura.rovani@aluno.unip.br)

<sup>5</sup> Thais Aline Barroso é graduanda em Psicologia na Unip, onde cursa do 3º. Ano. E-mail: [thais.barroso1@aluno.unip.br](mailto:thais.barroso1@aluno.unip.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil e o desenvolvimento da aprendizagem sempre foram objeto de discussão e reflexão do psicólogo russo Jean Piaget. Piaget buscava compreender como a inteligência da criança se desenvolve assim como a sua aprendizagem. Seu entendimento pressupunha que o desenvolvimento infantil acontecia segundo fases, a saber: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal. Para o autor em cada fase a criança apresenta uma forma de inteligência que é manifesto por meio do domínio de dadas atividades pela criança (MACEDO, 2002).

Piaget visando aprofundar suas análises sobre o desenvolvimento da aprendizagem elaborou o que chamamos de Método Clínico. O Método Clínico na verdade foi pensado pelo autor como um meio de pesquisa, realizado pelo professor junto à criança, no qual o professor fazia perguntas ao aluno sob temas variados. Piaget dizia que quando realizamos perguntas às crianças devemos compreender o porquê das respostas. Porque a criança fez determinadas escolhas, e, se sua resposta foi incorreta, como trabalhar para construir o conhecimento com essa criança. Nesse sentido, Piaget reforça o entendimento de que quando a criança nos dá uma resposta errada precisamos compreendero que a levou a essa escolha e construir novos saberes a partir do erro.

Pensando nesse conceito o Método Clínico se aplica a professores que estão atuando junto aos espaços pedagógicos e pode servir como um meio para que esses profissionais possam mapear a fase de desenvolvimento da aprendizagem da criança e possam intervir no sentido de potencializar o desenvolvimento da aprendizagem e de tal forma influenciar também a inteligência infantil. No entanto, esse conceito ainda é pouco conhecido por aqueles que atuam na área em questão. Vemos que o pensamento piagetiano chegou ao Brasil em meados dos anos 70-80, porém, dentro da área pedagógica. Nesse momento e até atualmente o maior entendimento dos conceitos está ligado à questão das fases de desenvolvimento e pouco temos explorado o entendimento do Método Clínico. Devido a isso elaboramos o presente texto, a fim de aprofundar os conceitos do pensamento piagetiano e assim colaborar com a compreensão de métodos que buscam estimular a aprendizagem infantil.

O interesse pelo tema partiu da vinculação dos autores à disciplina Psicologia Construtivista cursada no primeiro semestre de 2020 no curso de Psicologia da UNIP. Nessa disciplina buscamos aprofundar o conceito piagetiano de desenvolvimento e por

conta disso passamos a conhecer o conceito de Método Clínico. Para a elaboração desse texto recorreremos a outros autores que discutem essa abordagem, partindo do pensamento piagetiano e apresentamos na sequência em um tópico único as informações obtidas. Esperamos que o presente texto possa colaborar com todos que estudam o pensamento piagetiano e também para todos que atuam na área pedagógica, incluindo os profissionais da Psicologia. No sentido em pauta, buscamos apresentar as características gerais do método idealizado pelo autor, considerando que o mesmo foi pensado especificamente para a análise da criança que está inserida em um processo pedagógico.

## **2. O MÉTODO CLÍNICO PENSADO POR JEAN PIAGET: ALGUMAS APROXIMAÇÕES**

Rappaport (1981) nos coloca que Piaget desenvolveu o chamado Método Clínico como um meio de identificar as fases e estágios de desenvolvimento da inteligência vivenciados pelas crianças. O pensamento piagetiano pressupunha a elaboração de perguntas para as crianças. A medida que as crianças fossem conferindo respostas às perguntas poderíamos compreender em que estágio de desenvolvimento ela está. Para exemplificar suas colocações o pensador em questão realizou muitos experimentos com crianças onde avaliou a sua inteligência mas que traçou parâmetros também sobre a questão da moralidade, da construção de símbolos como desenhos e uma série de outros aspectos afins.

O Método Clínico tinha como objetivo ainda identificar os erros nas respostas das crianças. Por exemplo, se a criança respondia a uma questão errada, Piaget compreendia que era necessário interpretar esse erro, buscando identificar possíveis motivadores para que a criança tivesse feito tal escolha. Para ele é dessa maneira que seria possível usar o erro para a construção de um novo saber. Por isso para o autor o erro era construtivo uma vez que a partir dele seria possível a construção de um novo saber, a partir do conhecimento já possuído pela criança. É até por isso que Piaget destaca a importância de não reprimirmos, no espaço pedagógico, os erros dos alunos pois é a partir deles que a criança pode se desenvolver ainda mais.

Essas colocações deram margem para o pensamento piagetiano aplicar o Método Clínico nos espaços pedagógicos. Sua aplicação no espaço pedagógico destacou que a criança escolar pode apresentar fases, estágios de desenvolvimento. Para ele os estágios são: não importantíssimo, fabulação, crença sugerida, crença desencadeada e por fim, a crença

espontânea. Piaget nos dizia que essas fases se desenvolvem seguindo uma escala evolutiva, ou seja, a criança vai ascendo pelas fases, conforme a mediação e o estímulo (MACEDO, 2002).

Em tempo, precisamos lembrar, segundo nos diz Becker (1992) que Piaget definiu estádios para o desenvolvimento da aprendizagem, para o desenvolvimento da moralidade, para a expressão simbólica da criança. No caso da aplicação do Método do Clínico Piaget também recorreu a escala evolutiva por entender que a criança vai alternando o seu comportamento de formas mais rudimentares para formas mais complexas. A observação da fase da criança é verificada através do método clínico. E, somente a mediação permite que a criança possa ascender de uma fase para a outra e nesse caso, somente a mediação do professor permite que isso aconteça.

A primeira fase, segundo Macedo (2002) descrita pelo autor denomina-se: “ não-importantismo”. Essa é uma fase inicial que deve ser superada. Mas nesse momento, a criança sente raiva da escola e do processo de aprendizagem lá mantido. Geralmente, a criança se encontra nessa fase nos primeiros anos da escolarização, porém, não são todas as crianças que entram nessa fase, e das que entram, não são todas que conseguem superá-la e ascender para a fase seguinte. Para isso a identificação da fase e a busca por meios para sua superação deve vir da ação docente.

Mas, como o professor consegue perceber que a criança está vivenciando o não-importantismo?. Piaget então nos coloca que podemos identificar a partir das respostas que a criança confere às questões que elaboramos a elas. Ou então, a partir de requisições que fazemos à criança no espaço da sala de aula e ela apresenta uma reação negativa. “Quando a pergunta feita aborrecer a criança ou, de maneira geral, não provoca nenhum esforço de adaptação, a criança responde qualquer coisa e de qualquer forma, sem mesmo procurar divertir-se ou construir um mito.” (MACEDO, 2002, p.104). A criança verbaliza que não gostaria de estar respondendo à questão, participando das atividades desenvolvidas e sequer faz um esforço para se integrar no processo pedagógico. Esse comportamento é usual junto às crianças também quando há troca de escola ou mudança de professor, mas, o docente precisa oferecer estímulos para sua superação.

A ascensão da criança da fase do não-importantismo aconteceria, segundo Piaget para a fase da fabulação. Na fase da fabulação a criança já não odeia mais estar na escola, mas ela não entende muito bem o que ela faz lá. Nesse momento, ela constrói histórias,

inventa respostas com base em sua criatividade. Assim, quando é questionada sobre algo a criança inventa uma resposta.

Percebe-se aí uma evolução em relação a fase anterior, pois a criança já demonstra um certo interesse, demonstrando um passo positivo para o desenvolvimento, conforme podemos verificar no texto destacado a seguir. "Quando a criança, sem refletir, responde à pergunta inventando uma história em que não acredita, ou na qual crê, por simples exercício verbal, dizemos que ocorre a fabulação." (MACEDO, 2002, p.105). O fato é que nessa fase a criança tenta participar de alguma forma do processo pedagógico e não responde mais agressivamente como era comum na fase precedente.

Macedo (2002) nos diz que há crianças que adentram a vida escolar direto na Fabulação, não passando pelo não importantismo. Essa também é uma fase que a criança está em construção, e que deve ser superada para ascender para a subsequente. A vinculação da criança à fabulação como fase inicial advém, em grande medida, do construto da criança em relação à escola antes de sua inserção nesse espaço. A superação dessa fase, pela mediação do professor a orienta à crença sugerida.

A crença sugerida como o próprio nome diz, é a fase em que a sugestão caracteriza o comportamento infantil. A criança vai agir e responder levando em conta o que ela acredita ser o que o adulto queira ouvir, a fim de o agradar. Ou trazendo para o espaço pedagógico, a criança irá responder segundo o que acredita que seja o desejo do professor escutar.

Verifica-se nessa fase que a criança desenvolveu a habilidade de observar, pois, ela passa a observar qual o comportamento desejado. Essa fase é descrita como: "Quando a criança esforça-se para responder uma questão, sem que esta lhe seja digestiva, ou quando a criança busca simplesmente contentar o examinador, sem considerar sua própria reflexão, dizemos que há uma crença sugerida" (MACEDO, 2002, p.107). Representa no entanto um avanço significativo a medida que demonstra a capacidade da criança em observar os adultos, analisar o seu entorno e conferir respostas aceitas por esse adulto. É uma capacidade de abstração enorme desenvolvida pela criança, uma inteligência que consegue se expressar por meio de palavras e mesmo atos. Algo que não é inato, mas socialmente construído. E, demonstra também o interesse da criança em participar do processo pedagógico sem agressividade e sem respostas fabuladas.

Nessa fase a criança já está começando a se desenvolver e passa para uma nova fase, mediadora, chamada "crença desencadeada". A fase denominada "crença desencadeada" representa a criança que já está um pouco mais desenvolvida pois ela começa

a articular e desenvolver respostas com mais coerência. Nessa fase a criança começa a desenvolver o pensamento simbólico, mais estruturado. Quando a criança recebe um questionamento ela pensa antes de responder. Sua resposta só é possível porque ela está desenvolvendo o pensamento simbólico. E, também, porque a criança é estimulada em fazê-lo.

Aqui a criança não responde com agressividade, não responde fabulando e também não confere ao professor somente as respostas que ele deseja escutar. Ela responde à questão com base nos saberes e conhecimentos que foram sendo construídos durante o seu processo formativo. O termo desencadeada remete-nos a um processo que foi sendo estruturado, no qual a criança foi se desenvolvendo.

Quando a criança responde com uma reflexão, extraindo as respostas de seus próprios recursos sem sugestão para ela, dizemos que há crença desencadeada. A crença desencadeada é influenciada necessariamente pelo interrogatório, pois a simples maneira como a questão é colocada e apresentada à criança força-a raciocinar em uma certa direção e sistematizar seu saber de um certo modo; mas ela é contudo um produto original do pensamento da criança, pois nem o raciocínio feito pela criança para responder à questão, nem o conjunto de conhecimentos anteriores que utiliza a criança durante sua reflexão são diretamente influenciados pelo experimentador. A crença desencadeada não é, portanto, nem espontânea nem propriamente sugerida: ela é produto de um raciocínio feito sob comando, mas por meio de matérias ( conhecimento da criança ), imagens mentais, esquemas motores, pré ligações sintéticas, etc. E de instrumentos lógicos originais ( estrutura de raciocínio, orientações do espírito, hábitos intelectuais, etc). (MACEDO, 2002, p. 107).

Nessa fase, no entanto, ainda há certa hesitação por parte da criança no momento em que recebe algum questionamento. Assim, a criança está estabelecendo uma ponte, uma transição para a fase seguinte, que, seria a fase máxima, digamos assim da expressão infantil na escola, denominada por Piaget como crença espontânea. Essa fase se caracteriza pela criança, no processo em que é questionada, responder às indagações de forma espontânea, autônoma. A criança expressa, com mais certeza, o seu pensamento de forma autônoma. Ela não precisa mais de reflexões profundas para emitir uma resposta.

Enfim, quando a criança não tem necessidade de raciocinar para responder a questão, mas pode dar uma resposta imediata a questão porque já formulada ou formulável, há crença espontânea. Há, portanto, crença espontânea quando a questão não é nova para a criança e quando a resposta é fruto de uma reflexão anterior e original. Excluimos naturalmente desse tipo de reação, como de resto de cada uma das precedentes, as respostas influenciadas pelos ensinamentos recebidos anteriormente ao interrogatório. Há aí um problema distinto, e naturalmente muito complexo, que consiste em distinguir, nas respostas recebidas, o que provém da criança e o que foi inspirado pela companhia adulta (MACEDO, 2002, p. 109)

Para que a criança consiga se desenvolver nessa escala evolutiva, é necessário que ela receba mediação e estímulos, para desenvolver a aprendizagem. Entretanto, no caso da criança não receba o estímulo necessário, conseqüentemente, ela não irá ascender na escala, e assim verificamos pessoas que não conseguiram ascender e atingir a fase da crença espontânea. Piaget sempre nos dizia que o bom ensino é aquele que antecipa, estimula o desenvolvimento infantil. O bom ensino é aquele em que temos o estímulo para que a criança possa ascender entre as fases. O Método Clínico por sua vez é uma abordagem que tende estimular esse desenvolvimento que tanto impacta na aprendizagem quanto influencia no desenvolvimento infantil como um todo.

Becker (1992) nos coloca que para a perspectiva construtivista toda criança pode aprender, toda criança tem fases e estádios de desenvolvimento de sua inteligência. Porém, para que esse processo aconteça é necessária a mediação do adulto, e, no caso da aprendizagem é basal a mediação do docente. O aporte ao método clínico proposto por Piaget pode ser uma metodologia extremamente funcional para o desenvolvimento da aprendizagem que tende também a colaborar com a vinculação da criança à escola. Assim, dessa forma, a criança vai se vinculando à escola, vai se socializando e também tem sua aprendizagem e desenvolvimento influenciado de maneira positiva.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo em questão demonstrou-nos como o pensamento piagetiano é vasto e ainda pouco explorado. Grande parte dos estudos construídos em torno do tema do autor estão orientados para a questão das fases de desenvolvimento ou então acerca das noções de moralidade. Há raros estudos sobre as possibilidades do método clínico, como esse que empreendemos. E, não identificamos em pesquisas realizadas estudos que apresentassem o método clínico aplicado à realidade concreta, algo que consideramos que seja extremamente necessário e pertinente contemporaneamente. Esperamos, no entanto, que o presente texto possa colaborar com pensadores, educadores, estudiosos, profissionais que transitam pela área educacional e afins.

No que diz respeito ao método clínico em si consideramos que a utilização de perguntas pode sim nos dar as fases vivenciadas pelas crianças e expressas no espaço pedagógico e essas respostas, essa identificação das fases infantis pode ser um elemento a favor do professor na estruturação do processo pedagógico desenvolvido em torno de cada criança. Além disso, a nosso ver, o método clínico é também uma possibilidade da criança se

expressar no contexto pedagógico, demonstrando como está interpretando sua inserção no espaço escolar, o que é basal para uma educação transformadora e que de fato estimule a autonomia das crianças.

A leitura das respostas conferidas pelas crianças às perguntas dos professores também requer a observação do contexto em que ela está inserida, dos dispositivos que tem a seu favor para o seu desenvolvimento e ainda de como o Estado, as políticas sociais podem colaborar com o desenvolvimento infantil sobretudo de crianças de baixa renda e que nem sempre tem condições financeiras por parte de suas famílias para garantir seu pleno desenvolvimento. Como profissionais da área de humanas temos sempre que interpretar a perspectiva dos autores, porém, considerando que a realidade social, econômica e política traz influência à criança com que estamos nos relacionando atualmente.

#### **4. REFERÊNCIAS**

BECKER, Fernando. O que é construtivismo? **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 21, n. 83, p. 7-15, abr./jun. 1992.

MACEDO, Lino de. A Questão da Inteligência: todos podem aprender? In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; SOUZA, Denise Trento R. Souza; REGO, Teresa Cristina (orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

MACEDO, Lino de. Método clínico de Piaget e avaliação escolar. In MACEDO, L. de **Ensaio Construtivistas**. 6ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

RAPPAPORT, Clara Regina **Teorias do Desenvolvimento**. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1981.